

Mulheres que dão a cara: as senhoras do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*

Solange Cardoso¹ e Isabel Lousada²

O título “Mulheres que dão a cara: as senhoras do *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*” aponta para a ligação que pretendemos evidenciar entre a imagem/as imagens, ou melhor, as mulheres retratadas e o modo como estas são apresentadas ao longo da obra citada.

Por ter sido o *Almanaque de lembranças* um dos exemplos desse tipo de publicação mais precoces e também de grande longevidade – atravessando o final do século XIX até meados do século XX – tornar-se-ia inviável apresentar numa só comunicação o resultado de um estudo desta natureza que o abarcasse na sua totalidade. Assim, procuramos identificar as grandes linhas de força do tema, escolhendo para tal um volume único, cuja análise em maior profundidade permitiria cobrir os aspectos essenciais, a serem revelados, do levantamento efetuado a partir do conjunto do *Almanaque*. O ano escolhido foi o de 1932, que constitui um ponto fulcral, pois corresponde ao último volume da coleção, cuja impressão, como de regra, foi ultimada em 1931. Se numa primeira leitura poderíamos supor que o *Almanaque de lembranças* havia passado incólume após o 28 de maio de 1926 – altura em que um golpe militar instaura a ditadura militar em Portugal –, tal não se verifica. É sabido que a comissão de censura foi criada a 22 de junho de 1926, ainda que não fosse de início tão fortemente contrária à liberdade de expressão quanto viria a ser depois de 5 de julho de 1932, o que não afetou nosso *Almanaque*, pois seu último volume foi publicado em 1931. Não podemos, todavia, assegurar que o volume relativo a 1932 não tenha sido submetido ao “lápiz vermelho”, modo como frequentemente funcionava a censura prévia, cortando e eliminando parcelas ou subtraindo partes das edições que viam. A verdade é que o *Almanaque* não sobreviveu a esse acontecimento, mas como se terá conseguido manter durante os seis anos anteriores?³

¹ Professora Doutora CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa.

² Investigadora Doutora da FCSH/UNL; investigadora integrada no CesNova/UNL e investigadora colaboradora no CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa.

³ Somente a 11 de abril de 1933 a censura é inscrita legalmente na Constituição Portuguesa e doravante andar de “mãos dadas” com a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE) –

Por se tratar de uma publicação destinada também ao público feminino, não deixa de ser contraditória a sua extinção no ano em que Oliveira Salazar decide alterar a lei eleitoral concedendo, pela primeira vez, o direito de voto às mulheres, ainda que em âmbito restrito. Este aspecto não nos deverá induzir em erro, pois, apesar de tudo, também pouco antes Benito Mussolini (1883-1945), na Itália fascista, havia sido eleito após a concessão desse direito às cidadãs italianas. Qualquer destes sinais transparece na leitura, nas nuances registradas ao longo do volume que nos serviu de paradigma.

Quanto à publicação propriamente dita do *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*, cumpre desta feita assinalar a relevância de publicações desta natureza, à época tão em voga. A comunicação apresentada ao I Encontro luso-afro-brasileiro: As mulheres e a imprensa periódica por Natália Macedo, Cláudia Gomes Pereira e Solange Cardoso,⁴ intitulada “As senhoras do Almanaque de lembranças luso-brasileiro”, refere-se ao nascimento do almanaque em Paris, quando corria o ano de 1850; a edição se reportava ao ano seguinte (1851). Como já foi dito, o padrão se irá manter até ao último número. Foi ainda notada a distinção entre “Senhoras” e “Cavalheiros” (desde que se registra a participação feminina, em 1856) até 1872, ano em que, face à alteração de sua denominação para *Novo almanaque de lembranças luso-brasileiro*, o índice também é modificado, passando a registrar “Senhoras” e “Autores”, o que se mantém inalterado até ao último número, em 1932, precisamente o que hoje apresentamos em detalhe.

A separação feita entre “Senhoras” e “Autores” aponta para uma clara misoginia em que existe um real afastamento com delimitação bem definida de poderes entre o universo masculino e feminino, entre o “aceitável” e o “reprovável”, o que fica evidente nos valores apurados para as colaborações: 28 senhoras e 259 autores. Gostaríamos de assinalar que, passados quase cem anos do início da publicação do *Almanaque*, os dados não se haviam alterado substantivamente a esse respeito. Uma questão candente diz respeito à participação que definirá a “qualidade” e a identidade das “senhoras”. Destas 28 senhoras nem todas são na verdade autoras. Importa esclarecer. Registra-se o caso de Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), referenciada no índice e cuja participação se limita a uma frase de sua autoria que integra o volume em análise, embora a escritora tivesse falecido anos antes.

depois Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) – no sentido de reforçar a repressão no domínio intelectual.

⁴ Veja-se: <http://pt.calameo.com/read/0018279771ef116cc9683>

Para além destas observações importa realmente apurar qual o tipo de contributo, e em que moldes o mesmo é processado comparativamente ao gênero e natureza da composição: poesia *versus* prosa. Se é certo haver inicialmente uma grande movimentação por parte das “senhoras” no que diz respeito à composição poética, está ainda por vir uma análise contemplando a expressão e o ponto de virada a partir do qual a prosa ombreia a poesia, e em moldes idênticos para homens e mulheres, sendo assim admissível a partilha de designação autoras/ autores.

A pergunta que agora recuperamos: “O que faz de um homem um autor e de uma mulher uma senhora?” Prende-se com o universo feminino se “fundir” com o lar, com o *foyer*, e com o masculino a afinidade com o espaço público, o mundo exterior. Ora, esta dicotomia, observada por Pierre Bourdieu,⁵ tutela a hegemonia do mais forte perante o mais fraco e sinaliza o privado e o público como pertença simbólica de poder masculino, assente no gênero, definido pelo sexo, o que, no caso do último, acarretou à mulher que pretendia sufragar a sua liberdade, o ônus de “perdida” ou algum sinónimo igualmente pejorativo. Essa seria uma pérfida esparrela, ainda que subliminar, atuando ao nível do inconsciente (lembrando Simone de Beauvoir – “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”)⁶ e capaz de intimidar as menos instruídas, desestimulando-as a arriscar uma intervenção no espaço público, a fim de singrar profissionalmente ou para integrar grupos cívicos com os quais pudessem vir a interagir. O isolamento faria com que a dicotomia prevalecente se mantivesse muito para além do século XIX, fazendo sentir-se ainda nos tempos que correm. Contudo, para Michel Perroux⁷ as fronteiras entre o público e o privado são diferentes consoante o tempo em que estão.

Não deixa de ser curioso tratar-se de um bloco riquíssimo, do ponto de vista iconográfico, aquele que integra os elementos ilustrando este volume do *Almanaque*.

Desde a simbólica imagem traduzindo a figura feminina como uma “degenerada”, reproduzindo uma “Eva” libidinosa que seduz o homem, passando a “conquistadora”, assumindo o papel de a *femme fatale*, como a conhecemos no quadro *Ontem e hoje*⁸, do caricaturista Diniz Fragoso,⁹ em que a mulher é comparada ao antigo

⁵ V. *La Domination Masculine*, Paris: Le Seuil, 1998 e *La Distinction. Critique Sociale du Jugement*, Paris : Lés éditions du Minuit, 1979.

⁶ BEAUVOIR. *O segundo sexo: a experiência vivida*, p. 9.

⁷ V. Michel Perroux, *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988 e Michel Perroux, *Mulheres públicas*, UNESP, 1998.

⁸ Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1932. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1931, p. 145.

conquistador D. Afonso Henriques, denunciando uma crítica de valores que é naturalmente uma crítica ao social e ao feminismo simultaneamente.

Também do mesmo modo o quadro *Ninguém está contente com o seu nome*¹⁰ desperta o debate em torno da velha questão – fêmea *versus* macho. A ponto de ser necessário à mulher verbalizar o querer usurpar o terreno de especificidade do macho, expressão diametralmente oposta ao enunciado pelas próprias feministas e pelo feminismo enquanto movimento social.

Cabe nesta altura fazer menção ao caminho árduo travado desde as conquistas das feministas de primeira geração, mostrando não ser a emancipação feminina responsável pela masculinização da mulher, nem sequer ser este seu objetivo, ainda que sendo um dos estereótipos mais recorrentes:

Em todos os tempos houve mulher-homem, criatura forte e disposta em civilizar o marido à chinelada. Essas matronas nunca se masculinizaram a ponto de renunciarem às saias que sabem muitas arregaçar apesar de curtas.¹¹

Razão mais do que bastante para afirmar que, contrariamente ao ditado popular, nem sempre “o hábito faz o monge”. Por se tratar de uma publicação de grande alcance e ser dirigida tanto a homens como a mulheres, é importante a mensagem implícita no texto “O feminino e as mulheres homens”, que se prende com o uso de calções por parte de uma mulher desportista e sócia da Federação Desportista Feminina de França. Tendo sido admoestada para usar saias em vez de calções, “que era o que usava o sexo forte”,¹² Violet Merise, informada pela lei, vai para tribunal e vê a justiça do seu lado ao ser indenizada em 100 mil francos, mantendo-se no grupo desportivo sem se ter submetido ao uso de saia.

Estes casos podem ser lidos como *opinion makers* tendentes a formar grupos de opinião. Também em Portugal a polémica em torno ao corte de cabelo *a la garçon* e ao uso da saia-calção deu muito o que falar, embora a questão do uso de calças pelas

⁹ Trata-se provavelmente do artista alentejano, João Diniz Fragoso que nasceu em Nisa, em 1902, cartunista e desenhador cuja colaboração assídua nos jornais nacionais portugueses como *O Século* e *Diário de Notícias* foi relevante durante este período. Aliás, a assinatura de Diniz Fragoso confere com as cotejadas nos desenhos que João Diniz Fragoso apresenta para as figuras nisenses editadas no *Álbum Alentejano*, publicação de cariz regionalista dos anos 30.

¹⁰ Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1932. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1931, p. 169.

¹¹ Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1932. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1931, p. 235.

¹² Idem.

mulheres tenha sido até mais tarde uma séria batalha. A comparação estabelecida no artigo assinado por JJ¹³ vai mais longe, chegando a tocar o ponto fulcral: a moral.

Comparando o uso de “pantalonas” (i.e., calças) pelas mulheres e o modo como as coristas e as atrizes se apresentavam em palco, “nuas apenas com tapumes”¹⁴ opina, no entanto, “ser isso muito mais imoral do que a mulher usar pantalonas.”¹⁵

Muita matéria para debater.

Em contrapartida, o desenho de Diniz Fragoso, “Mulher Econômica”,¹⁶ com texto de Lima Pereira, de título homônimo, glosa o fato das modas fazerem subir as saias, e toda a composição estrófica representa um ataque à modernidade e ao feminismo que as promovem. Não deixa de ser sintomático o modo como é satirizada a mulher econômica, tão valorizada nesta época, inúmeras vezes associada à imagem da “fada do lar” conseguindo gerir o orçamento familiar de modo tão exímio e incessantemente louvado pelo Estado Novo.

Passando para o desenho “Elas que Dizem”...¹⁷

Retenhamos a legenda: “As escadas de incêndio são a perdição das criadas...”

A crítica social aos “namoros de varandim” dos abastados e aos abusos das empregadas que nas escadas namoravam. Houve até por esta altura (década de 1930) a obrigatoriedade de inscrever no Boletim Sanitário¹⁸ a cláusula de virgindade, o que se compaginava com a prática recorrente da iniciação sexual dos jovens burgueses à custa das criadas que empregavam e que viviam debaixo do mesmo teto, tantas vezes sem qualquer outro recurso e/ou escapatória.

A par desses fatos encontramos também a imagem traçada em “Modelo de

¹³ Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1932. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1931, pp. 235-236.

¹⁴ Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1932. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1931, p. 236.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1932. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1931, p. 249.

¹⁷ Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1932. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1931, p. 256.

¹⁸ Arnaldo Brazão (1890-1968), advogado e co-fundador com Adelaide Cabete da Liga Portuguesa Abolicionista, denuncia, durante o Congresso Abolicionista Português que decorreu em Lisboa, em 1926, terem as autoridades de Leiria ordenado e forçado a inspeção às criadas de servir, sendo matriculadas nas casas toleradas todas aquelas que não fossem virgens. O recente estudo de Inês Brasão é um contributo fundamental para o entendimento social da problemática agora afluída. V. *O tempo das criadas. A condição servil em Portugal (1940-1970)*. Lisboa: Tinta-da-china, 2012.

pintor”¹⁹ em que há implícita comparação entre essa e a esposa modelo. A problemática é colocada pela expressão: “A mulher do pintor Fonseca é uma esposa modelo... no atelier do marido”.²⁰ De onde se depreende: “imagine-se quando de lá sai...”, pois que está apresentada com uma elegante *toilete*, acentuando as linhas “curvilíneas” em cima de uns “saltos altos”, a que não podia faltar a marca da atualidade: cabelo muito curto.

Num sentido de maior “charge”, nos confrontamos com a ilustração de “Caso imprevisto... pela lei”.²¹ É apresentada uma caricatura de uma mulher de chinelos, xaile aos ombros e lenço pela cabeça, pedindo conselho ao médico, face aos maus tratos de que era vítima pelo marido. O médico, de porte altivo, acentuado pelo charuto que fuma e pelo chapéu de coco que ostenta, responde, gozando a situação, que o que a pobre mulher deve fazer é: “Dirigir-se à Sociedade Protetora dos Animais”.²²

Latu sensu, os graves problemas sociais estão enunciados ao longo do volume: desde o alcoolismo (“Bailarina insaciável”) à violência, à falta de instrução (“Quanto mais alto se sobe”) às desigualdades sociais, passando pelo modo como se refletem não só no dia a dia como num manifesto antifeminismo (“Marido egoísta”) que as ilustrações deixam transparecer.

Justifica-se, estamos em crer, uma análise pormenorizada das ilustrações que acompanham o conjunto de volumes do *Almanaque de Lembranças*. No caso vertente pensamos ter contribuído para acentuar a relevância da matéria em epígrafe.

Resta, ainda assim, referir a atenção que merecem os perfis de mulheres editados no volume em apreço. Desde logo encontramos, dos vultos portugueses no índice, o nome de Maria Amália Vaz de Carvalho. Ainda assim, trata-se exclusivamente de um pensamento, pois a escritora, como sabemos, morreu na década de 1920.

A finalizar, regista-se que os almanaques, para citar a definição proposta por José Luiz Caldas, impressa num deles:

são os mais populares e bons livros, por serem recheados de assumptos e variedades interessantes, e merecem ser lidos por todo mundo civilizado: porque em geral os almanachs são

¹⁹ Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1932. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1931, p. 265.

²⁰ Idem.

²¹ Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1932. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1931, p. 288.

²² Idem.

instructivos, moralizadores e recreativos. Os nossos avós liam com pura alegria esses livrinhos e consultavam-nos como um médico, porque lhes davam conhecimentos úteis e educativos. [...]
Um almanach deixa sempre gratas recordações.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2. ed. Tradução de Sérgio Miliet. Rio de Janeiro: Difusão Européia do Livro, s.d. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01//409680.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2012.

COSTA, Emília de Sousa, *Olha a malícia e a maldade das mulheres!* Conferência pronunciada no Salão de Festas do Século, em junho de 1930. Lisboa, Of. do Anuário Comercial, 1932.

LIMA, Fernando de Castro Pires de. *Feminismo e feministas*. Porto: Ed. Germen, 1932.

MASCARENHAS, João Mário (Coord.), *O Estado Novo e as Mulheres: o género como investimento ideológico e de mobilização*. Lisboa: BMRR, 2001.

Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o anno de 1932. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1931.

Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1913. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1912.

SAINTE-BEUVE, Charles Augustin. *Retratos de Mulheres*. Traduzido por António Sérgio. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932.